

## **PEQUENAS EMPRESAS E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA:**

### **DA EXPERIÊNCIA ARTESANAL À CONSCIÊNCIA EMPRESARIAL**

*Manuel da Silva e Costa*

Universidade do Minho

O desenvolvimento industrial passado e recente até à década de 70 articulou-se à volta da grande estrutura empresarial. A grande empresa de produção e de distribuição era não só para economistas e sociólogos mas também para os detentores de poder o paradigma e o modelo da organização do trabalho. As PME em geral e as pequenas empresas em particular, não passavam de estruturas produtivas de segundo plano. Actualmente ainda a pequena empresa, quer a nível do discurso, quer a nível das políticas económicas e financeiras e mesmo a nível das instituições associativas é submergida no mundo indiferenciado das PME. E, no entanto, não é novidade para ninguém que a forma generalizada da produção industrial em Portugal, e na maior parte dos países da CEE, se organiza à volta da Pequena Empresa. Mais ainda: se no passado a grande empresa dos sectores tradicionais era a única financeira e tecnologicamente capaz de rentabilizar a introdução das novas técnicas e de experimentar novas forma de organização do trabalho e de lançar no mercado grandes quantitativos de novos produtos, a crise económica e social provocada pelo choque petrolífero dos anos 70 veio pôr em destaque o carácter flexível e funcional da pequena e da média empresa, frente às novas tecnologias aos novos métodos de trabalho e ao carácter temperamental dos diversos segmentos de mercado. A PE ainda há pouco relegada para funções secundárias no conjunto da produção e do desenvolvimento tecnológico tendo como papel pre-

ponderante a função social de fazer a articulação entre o artesanal e o industrial, o rural e o urbano, vê-se, a partir da crise da grande empresa tayloriana, progressivamente investida em novas funções ao mesmo tempo económicas, sociais e tecnológicas. Poderíamos sintetizar dizendo que a PE começa a desempenhar uma função de desenvolvimento social integral, onde o humano, o económico e o tecnológico encontrarão o ponto de convergência menos conflituoso ou contraditório. Estas novas funções atribuídas à pequena empresa no processo de desenvolvimento social estão directamente ligadas a uma transformação da estrutura de personalidade do dirigente produtivo. A tradicional consciência do pequeno patrão artesanal, responsável e proprietário de uma produção familiar, vai sendo progressivamente substituída por uma consciência de empresário. Segundo a tradição weberiana, diríamos que a racionalidade como forma específica da actividade económica da sociedade capitalista se estende a todos os sectores da produção e informa cada vez mais não só os processos de trabalho mas também a consciência de um número crescente de agentes.

Para demonstrar o nosso objectivo analisaremos os seguintes aspectos:

- 1 – As pequenas empresas como forma generalizada na estrutura produtiva global.
- 2 – As pequenas empresas e a incorporação de novas tecnologias no processo de trabalho.
- 3 – A nova consciência do pequeno empresário.

### **1 – Situação estrutural das pequenas empresas na estrutura produtiva nacional**

Nós pensamos que o conceito empresa deverá ser definido a partir de uma forma específica de organização do processo produtivo, nas suas diversas fases e dimensões e não, apenas, como referência à grande e à média empresa. Todavia vemo-nos constrangidos, até certo ponto, a utilizar o conceito corrente na documentação oficial: o aspecto da sua dimensão em mão-de-obra. Assim incluiremos na denominação PE as estruturas até 100 trabalhadores. As médias empresas de 100 a 500 e as grandes empresas todas aquelas que têm mais de 500 trabalhadores ao serviço.

Em Portugal, como ainda hoje na maior parte dos países da CEE<sup>1</sup>, a pequena empresa representa a forma generalizada de produção, e da circulação dos bens. O quadro n.º 1 dá-nos conta desse

---

<sup>1</sup> Na Bélgica a percentagem era de 98% em 1980. Em França, em 1979 era de 99%. Cfr. *Les PME en l'Europe et leur contribution à l'emploi*.

fenómeno não só a nível das actividades produtivas e comerciais mas também a nível do sector industrial:

Quadro N.º 1 – DIMENSÃO DAS EMPRESAS EM 1984

	Pequenas (PE)					Médias (ME)			Grandes (GE)		
	0-5	6-9	10-19	20-49	50-99	100-199	200-399	400-499	500-999	1000 e +	T
Todas as Actividades	52.857	15.387	12.988	8.376	2.777	1.415	529	168	220	138	44.895
	55,7	16,2	13,7	8,8	2,9	1,5	0,7	0,1	0,2	0,1	100,0
Sector Industrial	13.527	5.464	5.933	4.834	1.865	983	468	88	178	86	33.426
	40,5	16,5	17,8	14,4	5,6	2,9	1,4	0,3	0,5	0,3	100,0

Fonte: Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho

Como poderemos observar as PE ocupam num e noutro sector uma posição largamente maioritária, respectivamente, de 97,3% e de 94,3%. Por outro lado as ditas GE não ocupam 0,3% e 0,8% respectivamente. As empresas do sector industrial com menos de 10 trabalhadores – empresas de dimensão familiar – atingem, em 1984, 56,8% do total das empresas industriais. No conjunto do tecido empresarial essa percentagem anda à volta dos 71,9%. Na indústria as PME representam 99,2% da realidade empresarial portuguesa<sup>2</sup>.

No que diz respeito à soma global de mão-de-obra ao serviço nas PE estas abarcam cerca de 42,1% contra 29,3% nas ME e 28,6% nas GE. O chamado grupo das PME atinge os 71,4% de participação no emprego industrial. Talvez mais importante que vera taxa de participação das PE na distribuição do emprego será ver, o que me parece ser um indicador de dinamismo e de melhor adaptação à *crise estrutural dosistema produtivo*, o grau de participação das PE na criação de novos posto de trabalho.

A simples análise do quadro n.º 2 permite-nos verificar que as empresas de 0-4 trabalhadores, empresas quase sempre familiares e artesanais tiveram um comportamento positivo na criação de em-

<sup>2</sup> Países como a França, 98% Irlanda e Itália com cerca de 98% apresentam sensivelmente resultados idênticos aos verificados em Portugal. Sobre este assunto consultar a obra *Les Petites et Moyennes Entreprises et l'artisan dans le CEE*, Direcção de Assuntos Industriais e Tecnológicos da Comissão da CEE, Bruxelas, 1980.

Num país como Portugal é interessante a análise da implantação regional das pequenas empresas. Sobre este assunto consultar a conferência de João Lopes Porto, *Desenvolvimento regional e PME*, conferência dactilografada, feita no 2.º salão de criação de PME, Porto, 1987.

prego. Mais ainda: esse comportamento é tanto maior quanto menor é a dimensão da empresa. Ao contrário as empresas tiveram uma participação tanto menor quanto maior é a sua dimensão. Este facto induz-nos a concluir que as empresas de pequena dimensão são capazes de uma organização mais maleável, de tirar maior partido do seu menor peso burocrático e da sua menor rigidez normativa. São, além disso, mais capazes de reorganizar a sua produção e de resposta a tempo e adequadamente aos estímulos diferenciados do mercado.

Quadro N.º 2 – TAXA DE CRIAÇÃO DE EMPREGO NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA EM 1981 E 1984:

	0-4	5	6-9	10-11	20-49	50-99	100-199	200-399	400-500	500-999	1.000 +	T
A – Empresas em 1981 e 1984 ...	21	13	13	8	3	1	-1	-2	-4	-9	-11	-1
B – Empresas criadas .....	33	27	24	17	9	5	3	2	0	1	0	5
Criação de Emprego (A + B)	54	40	37	25	12	6	2	0	-4	-8	-11	3
C – Empresas desaparecidas .	-43	-34	-29	-26	-21	-14	-11	-8	-15	-6	-1	-12
Criação líquida .....	+11	+6	+8	-1	-9	-8	-9	-8	-19	-14	-12	-9

Fonte: Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho

Em resumo: maleabilidade organizativa e produção funcional conforme as aspirações dos segmentos comerciais.

Se considerarmos a participação das PE e das ME na criação do Valor Acrescentado Bruto (VAB) veremos que aqui as PE não têm um papel hegemónico. Em 1983 a comparticipação das PE cifrava-se à volta dos 26,5%, sendo a das ME de 40,2%. O chamado grupo das PME entrava com 66,7% em 1983. Este montante ultrapassava ligeiramente o que se verificou em Espanha, 60%, e largamente o da Itália, 49,2%.

O quadro n.º 3 mostra-nos claramente aquilo a que poderíamos denominar de fragilidade estrutural das PE: a sua débil produtividade consequência do seu índice em tecnologia moderna e em recursos humanos qualificados.

Quadro N.º 3 – DIMENSÃO DA EMPRESA E PRODUTIVIDADE NO SECTOR INDUSTRIAL EM 1983

Dimensão	Remuneração / Pessoal 1.000.000	VAB / Pessoal 1.000.000
1-5	127,5	338,6
6-9	239,0	403,0
10-19	272,3	458,2
20-49	306,7	543,3
50-99	342,5	640,7
100-199	381,7	698,8
200-399	393,3	717,8
400-499	343,8	752,9
500-999	472,1	923,2
1000 e +	558,3	668,7
Média	396,4	687,0

Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas Industriais

## 2. – As pequenas empresas e a incorporação de novas tecnologias no processo de trabalho

Hoje modernizar o processo produtivo do país não pode ser à base dos instrumentos que estiveram na origem do desenvolvimento económico do após-guerra verificado nos países industrializados. As novas tecnologias como as tecnologias da informação, as novas biotecnologias e os novos materiais possibilitam não só uma transformação qualitativa do processo de trabalho, das funções que nele desempenham os vários agentes relegando assim para o passado a velha dicotomia tayloriana concepção/execução, mas também eles possibilitam uma modernização generalizada e rentável a todos os sectores e a todas as empresas independentemente da sua dimensão.

Como dizem Eduardo Ferro Rodrigues e Lino Gomes Fernandes: «o carácter revolucionário das novas tecnologias reside precisamente na universalidade das aplicações e na redução acelerada dos seus custos, relativamente aos custos das tecnologias actualmente utilizadas. Daí o poder afirmar-se que já não há sectores tradicionais, mas modos tradicionais de produzir»<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI). *As PME e o desafio da modernização*, Lisboa, 1986, p. 52.

A actual divulgação do micro-computador, do gravador vídeo, dos processadores de textos, as redes de dados etc. instrumentos que estão a alternar os processos de gestão, de produção e de comercialização é disso um indicador significativo. Qual a PE que tendo ultrapassado a dimensão artesanal não se pode dotar de tais equipamentos? A generalização destes equipamentos é um facto social novo que incorporado nos processos produtivos e gestionários das empresas as converterão em organizações de produção qualitativamente diferentes: trata-se assim da progressiva instauração de um novo modo de produção onde a base técnica está em vias de lançamento. Tal facto vai sem dúvida reorganizar as relações de trabalho no quadro da empresa e na sociedade.

Do ponto de vista económico está em causa a competitividade da empresa. Do ponto de vista sociológico trata-se de uma nova forma de articulação do homem com a natureza, com a ciência e com a máquina como instrumento de trabalho. Este novo processo de gerir as tarefas produtivas constituirá a base de um novo modo de vida em sociedade com os seus valores e as suas crises próprias.

A incorporação das novas tecnologias provocará as seguintes transformações o processo de trabalho das PE: a) aumento de produtividade sem perda da flexibilidade; b) melhor gestão das naturais contradções de interesses e dos conflitos laborais; c) maior adaptação da produção às aspirações diferenciada do mercado.

#### *a) Aumento de produtividade sem perda de flexibilidade*

Verificamos no quadro n.º 3 que as PE estavam abaixo da média nacional na relação VAB/Pessoal. Quanto maior era a dimensão, excepto para as empresa com 1.000 trabalhadores e mais, mais elevada era a produtividade.

Na história da industrialização verificamos a seguinte correlação: os aumentos de produtividade estão associados à especialização da base técnica, que num processos de automação, acabam por substituir, ou pelo menos por modificar, a relação homem/máquina. Por outro lado, este aumento de produtividade só foi possível com a incorporação dos equipamentos no processo de produção de grandes séries de bens, isto é, em empresas de grandes dimensões. Só assim era possível tornar tais investimentos rentáveis. As PE situaram-se assim durante largo tempo numa posição entre o manual e a automação, entre o artesanal e o industrial. O estilo de produção, a gestão do processo era facilmente adaptado e flexível, mas pouco rentável. Na maior parte dos casos sobrevivendo graças a uma grande percentagem de trabalho familiar sub-remunerado. O processo industrial organizava-se segundo a oposição rentabilidade/flexibilidade.

A grande redução dos custos das novas tecnologias e a enorme diversificação das suas aplicações veio possibilitar a sua aquisição por parte das PE<sup>4</sup>. Esta, sem perder a sua anterior flexibilidade, sem prejuízo de grandes tempos mortos na mudança de lote ou de séries, vê assim a sua produtividade acrescida. Por exemplo, no sector das confecções é vulgar já a utilização de aparelhos de comando electrónico no corte dos tecidos, nas prensas de termocolagem, na passagem de vestuário, na dobragem e embalagem, sem falar nas máquinas de costura semi-automáticas<sup>5</sup>.

Tecnologias como o CAD (concepção assistida por computador) serão sem dúvida utilizadas não só nos grandes sectores da aeronáutica e da construção automóvel, mas também no fabrico de vestuário, de calçado, de mobiliário, de cerâmica, etc. Por exemplo, as empresas produtoras de cerâmica vermelha utilizam na deslocação dos materiais 13% delas processos automáticos, 48% semi-automáticos e 39% processos ainda manuais. Todavia este processo de automação gerou um aumento de produtividade na ordem dos 10% entre 1982 e 1986<sup>6</sup>. Este processo de incorporação de novas tecnologias ao nível da PE não pode esconder a crise de investimento que atingiu todo o sector industrial entre 1982 e 1984, com particular realce para as PE. O quadro abaixo dá-nos conta do fenómeno.

Quadro N.º 4 – PERCENTAGEM DE FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO / MÁQUINAS E DIMENSÃO DAS EMPRESAS

	1982	1984	Varição
1-5	7,7	0,4	- 7,3
6-99	15,8	16,3	0,5
100-500	34,5	47,8	13,3
501 e +	42,0	35,5	- 6,5

Fonte: Instituto Nacional de Estatística. Estatísticas Industriais

Em resumo, pensamos que o carácter específico das novas tecnologias – o que as distingue das anteriores – reside pois «na universalidade das suas aplicações», na sua reduzida dimensão e no seu

<sup>4</sup> IAPMEI, *op. cit.*, pp. 52-53.

<sup>5</sup> A introdução dos «Lasers» e das ferramentas de comando numérico como o CAD/CAM alterarão substancialmente a organização do trabalho em sectores como o vestuário, curtumes, calçado, embalagens, produção de moldes, etc. Cfr. IAPMEI e CE-DINTEC, *Novas Tecnologias*, Lisboa, p. 13-17.

<sup>6</sup> Dados recolhidos em *Jornal Notícias* de 23/4/87.

preço cada vez mais acessível ao orçamento da larga maioria das empresas pequenas<sup>7</sup>.

b) *Melhor gestão dos interesses e dos conflitos laborais*

É já conhecido a nível nacional o facto de que as PE gerem melhor os seus conflitos de trabalho<sup>8</sup>. A sua dimensão à medida muitas vezes da família, o tipo de relações de trabalho de carácter personalizado e afectivo impedem a crispação dos conflitos. Objectarão alguns que os trabalhadores deste tipo de empresas têm menos poder reivindicativo. Pensamos todavia que as reivindicações não satisfeitas geram uma maior mobilidade da mão-de-obra<sup>9</sup>.

A introdução das novas tecnologias vai acentuar mais o fenómeno que já era uma característica das PE: todos os agentes são chamados a exercer funções de planificação e de execução. O patrão será mais um dinamizador que um proprietário. Aliás a grande maioria dos pequenos empresários exercem tarefas de execução como os operários.

Na maioria dos casos, os pequenos patrões-criadores de empresa eram anteriormente operários, empregados, emigrantes ou agricultores<sup>10</sup>.

A incorporação das novas tecnologias a nível da PE desenvolve sem dúvida o processo de racionalização específico da produção capitalista<sup>11</sup>. Todavia este processo é qualitativamente outro que a racionalidade da grande empresa tradicional, e isto devido à natureza diferente dos respectivos processos de trabalho<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> IAPMEI, *op. cit.*, p. 53.

<sup>8</sup> Por exemplo no 1.º trimestre de 1982 verificamos a seguinte distribuição de conflitos: 18,9% nas PE, 24% nas ME e 56,4% nas GE. A nível de greves 2,9% nas PE, 18,8% nas ME e 78,3% nas GE. Cfr. Ministério do Trabalho e Segurança Social, *Conflitos Colectivos de Trabalho*.

<sup>9</sup> Cfr. Ministério do Trabalho e Segurança Social, *Estatísticas do Trabalho*, Outubro, 1984.

<sup>10</sup> Segundo um inquérito que efectuamos a 93 PE do distrito de Braga 78,5% dos pequenos patrões eram anteriormente operários ou emigrantes contra 21,5% que eram já independentes ou herdaram a sua empresa. A quase totalidade confessou exercer simultaneamente tarefas de organização e de execução, sendo 69% da mão-de-obra exclusivamente familiar.

<sup>11</sup> Habermas Jurgen, *La technique et la science comme idéologie*, Paris, Gallimard, 1973, pp. 3-74.

<sup>12</sup> Jean Jacques Chanaron et Jacques Perrin, *Science, technologie et modes d'organisation du travail*, in *Sociologie du Travail* n.º 1-86 p. 23-40.



c) *Maior adaptação da produção às aspirações segmentárias do mercado*

É um facto que a crise da grande empresa é uma crise de mercado. A grande produção em série ao mesmo tempo que gerou novas necessidades, novos valores, modelizou e standardizou os hábitos, as normas e comportamentos. A crise de mercado veio de novo alterar a relação de forças entre a oferta e a procura. A clientela diferenciada com os seus gostos, aspirações e estatutos é de novo o orientador da produção cujo modelo artesanal é o fabrico de vestuário à medida.

A informática permite a actualização rápida de ficheiros e a individualização dos clientes em grupos socialmente homogéneos. Ao lado de uma produção mais personalizada como garantia de competitividade aparece a geração dos técnicos de concepção que à base de análises do mercado, melhor adaptam o produto às aspirações dos diversos segmentos. A produção tornou-se flexível, adaptada, realiza-se em séries curtas sem os custos da perda dos tempos mortos e sem perda da rentabilidade. A GE só terá vantagens em se redimensionar à medida da PE. Ouve-se frequentemente empresários de confecções de médias e de grandes empresas falarem nas maiores vantagens da PE, tanto a nível de gestão de recursos técnicos como humanos, como sobretudo, na sua maior versatilidade frente às modificações contínuas dos padrões, dos modelos e da moda em geral.

### **3. Pequenas empresas e consciência empresarial**

O nosso objectivo é tentar perceber, se os há, os sinais de transformação na tradicional imagem do pequeno patrão, estruturada à base da ideia do artesão-chefe de família.

Não basta a possibilidade de incorporação das novas tecnologias na empresa se o contingente não adoptar uma atitude empreendedora, aberta aos novos processos, a novas formas de gestão e de cooperação com outras empresas, aberta aos desafios do mercado.

Claro que as novas tecnologias com uma gama enorme de múltiplas aplicações criaram as condições objectivas, possibilitando a formação de uma nova geração de pequenos empresários-empreendedores. Essa nova geração, quanto a nós, está a dar os 1.<sup>os</sup> passos. Vejamos alguns indicadores.

a) Verifica-se uma tendência para o rejuvenescimento do grupo de pequenos patrões. Nas pequenas empresas criadas entre 1981 e 1984, 41,9% dos empresários situavam-se abaixo dos 34 anos, 45,4% entre 35 e 49 anos e só 12,7% tinham 50

anos ou mais. Ao nível da Indústria Transformadora só 16,5% dos empresários em 1984 tinham menos de 34 anos<sup>13</sup>.

Segundo um inquérito recente junto de pequenos e médios empresários que fundaram a sua empresa entre 1978 e 1983, 16,9% tinham menos de 30 anos, 29,6% entre os 30-34 anos, só 7% tinha mais de 50 anos<sup>14</sup>. Esta tendência ao rejuvenescimento é significativa a vários títulos: maior índice de formação cultural e técnica, maior capacidade de mobilidade social e profissional e espírito de abertura à inovação técnica e organizativa.

b) Maior índice do nível cultural e técnico: é um facto que num país como Portugal ainda haja muitos pequenos empresários que mal sabem ler e assinar a documentação. Num inquérito que fizemos, com a colaboração dos alunos de Sociologia, junto dos pequenos empresários de Braga, a larga maioria não tinha mais que o nível primário, por vezes incompleto. A nível nacional, em 1984, 71,3% dos patrões de 50-54 anos tinham apenas o ensino primário e 46,7% com 25-29 anos não ultrapassavam também aquele escalão de ensino<sup>15</sup>. Todavia, temos indicadores de que algo está a mudar. Segundo o inquérito do IAPMEI, 31% dos pequenos e médios empresários tinham um curso universitário, 23,9% um curso secundário, 19,8% um curso técnico e só 15,5 a instrução primária.

O maior índice de formação e de elevação cultural modificará, sem dúvida, a estrutura das motivações e a consciência social dos pequenos empresários.

c) Estrutura de motivações do pequeno-patrão: Segundo o nosso inquérito em Braga, cerca de 70% das PE consultadas constituíam o suporte económico da família e 69% da mão-de-obra é exclusivamente familiar. O espírito do lucro e do crescimento está ausente da mente daqueles pequenos patrões para quem a empresa representava uma espécie de autonomia profissional. Todavia, encontramos alguns de grande dinamismo e altamente motivados na modernização das suas empresas. Por exemplo no que diz respeito à integração na CEE, 25,8% declararam-se completamente favoráveis classificando a concorrência como um incentivo ao desenvolvimento. Por exemplo, num grupo

---

<sup>13</sup> IAPMEI, *op. cit.*, p. 64-66.

<sup>14</sup> IAPMEI, *Dossier: Criação de empresas, Perfil do empresário*, Encontro Nacional das PME, Porto, 1987, p. 26. Num inquérito organizado pelo Governo Civil de Setúbal a 2 300 jovens desempregados, 70% manifestaram o desejo de virem a ser empresários. De entre os que responderam, 60% tem o ensino secundário. Cfr. *Jornal Notícias* de 27/4/87.

<sup>15</sup> IAPMEI, *as PME e o desafio da modernização*, *op. cit.*, p. 65.

de 20 empresas do sector das confecções a melhor estratégia para vencer a concorrência foi considerada do seguinte modo: é a qualidade (6 empresas), o aumento de capital técnico e financeiro (3 empresas), seguindo-se depois a diversidade do produto (2 empresas), a diversidade do mercado (2 empresas) etc.

Como tipos de concorrência desleal são considerados os baixos preços, 27,3%, a fuga aos impostos, 27,3% a fuga aos descontos para a Previdência Social, 27,3%, os salários baixos, 13,6% e o recurso ao trabalho infantil, 4,5%<sup>16</sup>.

Segundo o citado inquérito do IAPMEI, a motivação principal na criação da empresa foi «a vontade de provar a sua capacidade», 27,5%. Só 10,1% indicaram o que poderia ser a característica da personalidade do pequeno patrão tradicional, «a vontade de independência». As qualidades consideradas como mais importantes num gestor foram: capacidade de tomar decisões 23%, capacidade de organização, 22,1%, capacidade de ver os problemas a médio e a longo prazo 18,3%. As qualidades menos consideradas foram: capacidade de manter a disciplina 4,2% capacidade de contactos pessoais 8,0%<sup>17</sup>.

Podemos concluir que no passado as PE desempenharam a importante função social de iniciar a população camponesa nos processos de produção industrial. De alguma maneira as PE eram, e ainda o serão durante largo tempo tendo em conta as características da produção social global, a forma concreta de articulação entre dois modos históricos de produção: o rural e artesanal e o industrial. Com uma base técnica especificamente distinta do anterior.

Ainda hoje as PE têm uma percentagem maior de aprendizas ao serviço em comparação com as GE. Por exemplo, no sector têxtil em 1984 essa taxa oscilava entre 10,7% nas empresas de 0-5 trabalhadores e os 19,3% nas empresas de 10-19 trabalhadores. Todavia as PE encontram-se inseridas num processo de transformação e de reorganização do trabalho. A incorporação de novas tecnologias, de novos conhecimentos e de novos mercados farão das PE uma forma de produção com uma racionalidade especificamente distinta da GE do passado. A uma reorganização do trabalho corresponderá progressivamente uma reorganização do espaço urbano, do tempo, dos valores e das relações sociais fundamentais entre os vários grupos da sociedade.

---

<sup>16</sup> Maria de Fátima Gomes e Maria Filomena Vieira, *Pequenas empresas têxteis, trabalho elaborado no quadro da disciplina de Sociologia Geral, Universidade do Minho, Braga, 1986.*

<sup>17</sup> IAPMEI, *Criação de empresas, Perfil do empresário, op. cit., p. 25-27.*

## RESUME

### LES PETITES ENTREPRISES ET L'INNOVATION TECHNIQUE: DE LA CULTURE DE MÉTIER À LA QUALIFICATION PROFESSIONNELLE

À partir de quelques exemples tirés du secteur du textile et du vêtement où prolifèrent les petites et les moyennes entreprises nous analyserons les stratégies d'incorporation des nouvelles techniques et des nouveaux savoirs. La petite production industrielle, souvent très proche encore de la production artisanale traditionnelle est mal armée devant le marché des nouvelles technologies et des nouvelles compétences. Cette situation atteint tant les petits patrons que la force de travail. Cependant ce processus d'incorporation des nouveaux outils et des nouvelles qualifications va s'avérer décisif tant au niveau de la reproduction de l'autonomie économique et sociale de la petite entreprise face à la grande production qu'au niveau de la valeur économique et sociale de la main-d'œuvre.